

NADIA SHIREEN



Aventuras no **BOSQUE**



**MILK
SHAKESPEARE**

Aventuras no **BOSQUE**




NADIA SHIREEN

Tradução de Luisa Facincani





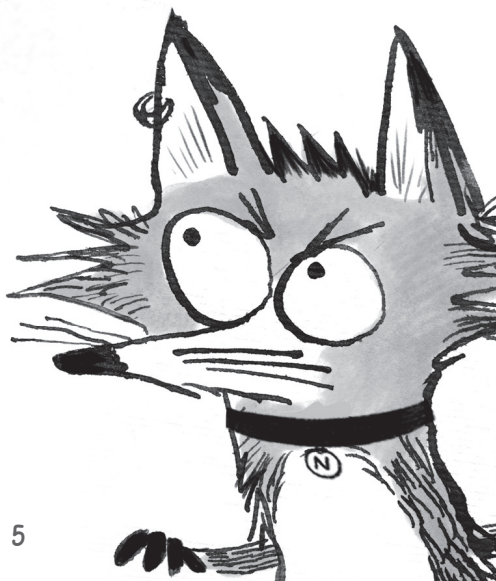
CAPÍTULO 1


Ted e Nancy

Este é o Ted.



E esta é a Nancy.



 Como muitas raposas, eles viviam em uma cidade grande. A Nancy era a raposa mais corajosa e ousada que o Ted já conheceu. Ele não se lembrava de ter uma mãe ou um pai, mas sempre teve a Nancy. Ela se preocupava que ele tivesse comida e um lugar quente para dormir.

Além de cuidar do Ted, a Nancy gostava de andar pela cidade com seus amigos. Ela conhecia cada rua, cada beco escuro, cada lixeira e cada esconderijo. A Nancy era **DURONA**. Ela não tinha tempo pra rir, cheirar flores ou ler histórias em quadrinhos. Mas a Nancy não precisava dessas coisas. Não mesmo.

O Ted, por outro lado, era um filhotinho muito fofo. Ele gostava de ficar próximo da toca, que estava escondida no meio de alguns arbustos no canto de um parque enorme. O Ted adorava rolar por aí na grama à luz do sol, xeretar entre galhos e folhas

e lamber casquinhas de sorvete caídas no chão. E de vez em quando, a Nancy dava um lanchinho pra ele.



Que delícia...



A Nancy preferia tomar café.

Café a maninha

ALERTA.



Mas às vezes, quando a Nancy bebia café demais, começava a tremer e latir, e o Ted tinha que se sentar na cabeça dela pra acalmá-la.

"Relaxa,
Nancy."



"Valeu,
maninho."

Sim, o Ted e a Nancy eram uma ótima dupla, e tinham tudo de que precisavam. Bom, quase tudo. Dia desses, o Ted percebeu uma sensação estranha e dolorida no peito. Ele a sentia toda vez que observava a Nancy sair, deixando-o sozinho na toca. E também quando a via conversando com as suas amigas raposas: Zoeira e Fuzuê. Ele a sentia quando via pequenos humanos fofos

no parque de mãos dadas com seus grandes humanos. Às vezes, o Ted a sentia de noite, quando se sentava no topo de uma grande pedra, olhava pro imenso céu escuro e dava um suspiro pesado.

Certa tarde, o Ted estava encolhido dentro da toca quando ouviu uma música. Tinha alguém tocando violão. E aí uma vozinha alta e esganiçada começou a cantar uma canção suave.

Ah, olá, meu grande camarada,
Ah, olá, meu doce amigo,
Eu nunca me sinto sozinho
Quando você está comigo.

Abra um sorriso e segure a minha mão,
E juntos, eu e você,
Vamos rir, e cantar, e dançar, e pular,
Mandando embora a solidãããooo.

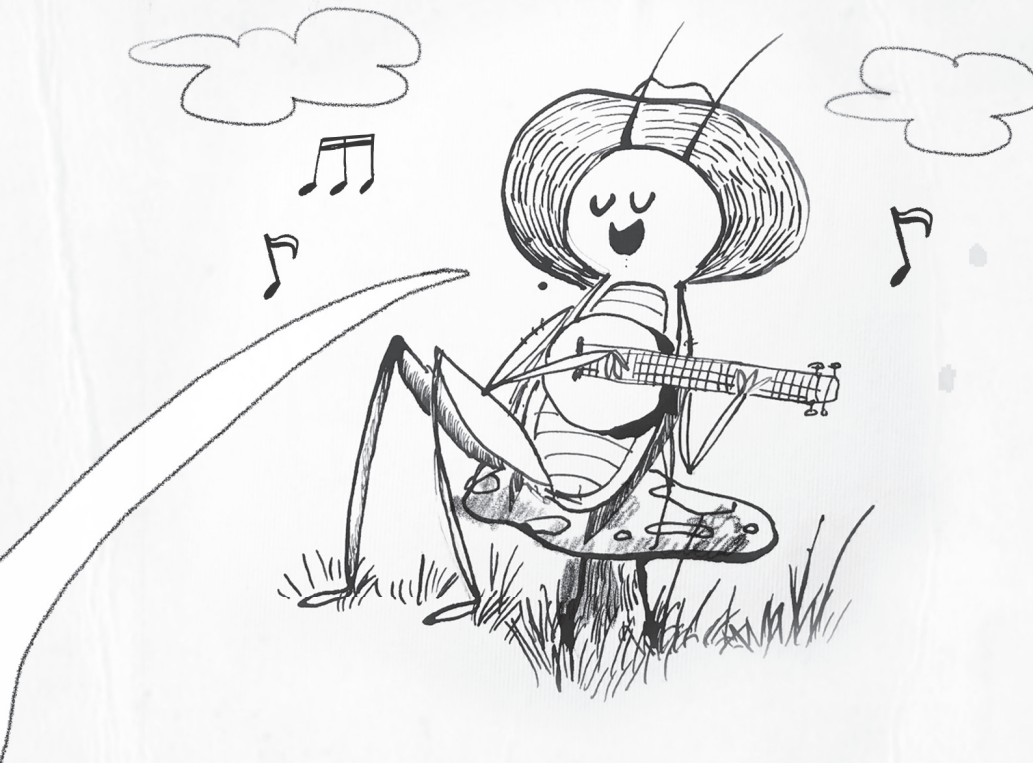
INTRO.



10

E. P.





O Ted se arrastou pra fora da toca.

— É isso! — ele gritou. — Eu me sinto **SOZINHO!** Preciso de amigos.

Ele olhou pro gafanhoto que tinha cantado a música.

— Olá! **VOCÊ** quer ser meu amigo, gafanhotozinho? — o Ted perguntou. — Você gosta de cantar, eu gosto de cantar. Temos muitas coisas em comum!

— Vaza daqui! — E o gafanhoto saltou pra longe.

A cauda do Ted se abaixou, mas depois ele esfregou as mãos. Pelo menos, agora que sabia o que era aquela sensação dolorida no coração, ele podia começar a dar um jeito nela. E não há momento melhor do que o agora para isso.

Naquele instante, ele ouviu um barulho vindo da lixeira.

Pruu... pruu... pruu...

Tem catchup por aí?

Pruu... pruu... Não vejo nenhum.

Ah, que tal maionese?

Pode ser, eu acho...

Pruu... pruu...



Dois pombos, empoleirados na beirada da lixeira, bicavam migalhas de salgadinho, maçãs e sabe-se lá mais o quê.

— Olá! — Ted já tinha visto esses pombos antes; um deles tinha apenas uma pata, e o outro usava óculos de sol.

— Vá embora! — disse o pombo de uma pata só.

— O meu nome é Ted. Eu me lembro de você! — Ted afirmou.

O pombo o encarou.

— É claro que você lembra. — O pombo com óculos de sol fez uma careta. — A sua irmã arrancou a pata dele numa mordida.

— Ah... — Ted ficou vermelho. — Eu sinto muito.

— O que você quer, garoto? — perguntou o pombo de uma pata só.

— Bem... — Ted deu de ombros. — É que eu vejo vocês por aqui e me sinto um pouco sozinho na minha própria toca. Então eu queria saber se vocês gostariam de ser meus amigos?

Os pombos balançaram a cabeça.

— Tá de brincadeira, colega? — O pombo de uma pata disse. — Eu gostaria de manter minha outra pata, obrigado.

Aí os dois saltaram e planaram até outra lixeira bem, bem longe.

— Ah, tudo bem — disse Ted, consolando a si mesmo. — Pelo menos você tentou. É isso o que importa.

Ele estava prestes a inventar uma canção sobre isso quando avistou duas figuras sentadas no banco do parque. Elas tinham bigodes! Tinham caudas! O nariz do Ted se contorceu de medo. **GATOS!** Um deles esvaíava uma lata de alguma coisa, enquanto o outro se lambia.



Ted choramingou e tentou se arrastar pra longe dali. Ele ergueu uma pata e a colocou devagar no chão... levantou a outra e a colocou devagar no chão... e ergueu outra pata e...

UHUUUU! VAMOS FESTEJAR!

Ted havia pisado sem querer no Soluço, o corvo festeiro.

— SHHHHH! — pediu Ted.

Mas Soluço soprou um apito muito alto e, logo em seguida, berrou:

HORA DA FESTA – ATIVAR!

Os gatos pularam de susto e encararam Ted com seus assustadores olhos amarelos.



— **AAAAAAAH!** — gritou Ted e correu de volta pra toca o mais rápido que as suas patinhas peludas permitiram.



Nancy estava na toca com suas amigas, Zoeira e Fuzuê. As três brincavam de fazer caretas engraçadas e tirar fotos umas das outras com os seus celulares quando Ted surgiu diante delas, de olhos arregalados e ofegante.

— O que há com você? — perguntou Nancy. Ele apontou pra trás, choramingando e pulando no mesmo lugar.

Nancy segurou as orelhas do Ted e, lentamente, as acariciou até que ele se acalmasse.

— Ga... ga... gatos! — ele, por fim, gaguejou.

— Era ELA? — perguntou Nancy de forma brusca.

Ted negou com a cabeça.

— Bom, então não entre em pânico! Os outros gatos não vão fazer nada com você, Ted.

Ele suspirou e se arrastou até o seu canto da toca.

Nancy revirou os olhos pra Zoeira e Fuzuê. Ela e Ted teriam que conversar.

— Vejo vocês mais tarde, beleza?

— Beleza, Nancy, até mais — respondeu Zoeira.



Ted estava encolhido em um canto, agarrado à Pantufa — uma velha pantufa com um sorriso desenhado —, que ele ganhara ainda filhotinho. Nancy se sentou ao seu lado.

— Quando a mamãe e o papai voltam para casa, Nancy?

Nancy suspirou.

— Não sei, Ted. Eles não disseram.

— Mas... eles vão voltar, né? Eu adoraria saber como eles são.

Nancy não respondeu. Apenas olhou pro nada, enquanto Ted permanecia sentado em silêncio, ouvindo o barulho da chuva e o ruído distante do tráfego.

Depois de um tempo, ele falou de novo:

— Nancy, por que os gatos nos odeiam tanto?

Ela enrolou a cauda volumosa em torno do Ted.

— Não são todos que nos odeiam, querido. Apenas alguns deles. E você sabe o motivo, não é?

— É por causa daquela gata do mal? — Ted arregalou os olhos.

— Sim. É por causa daquela gata do mal.





CAPÍTULO 2

Aquela gata do mal



Essa é Princesa Amorzinho.
Ela era uma gata. Uma gata do mal.

Diz a lenda que, alguns anos atrás, a Princesa Amorzinho vivia em uma mansão imensa.

Sua dona era uma senhora rica que vestia roupas muito chiques até mesmo quando ia à loja da esquina pra comprar a comida de gato preferida da sua gata mimada. A Princesa Amorzinho ia a todo canto com ela, carregada em uma grande bolsa roxa pra que nunca sujasse as preciosas patas. Sua vida era perfeita.

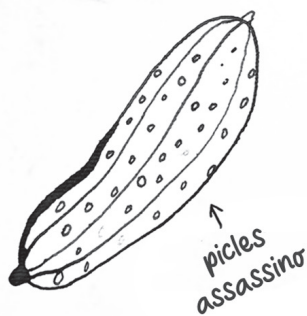
Mas um dia, sua dona engasgou com um picles e foi levada em uma ambulância.

Princesa Amorzinho se deitou nos lençóis de cetim da cama da sua dona e miou. Muitos dias se pas-

saram, e, por fim, ela percebeu

que sua dona não voltaria. Amorzinho teria que encontrar o seu próprio caminho neste grande mundo cruel.

Ela vagou pelas ruas, faminta e perdida.



Mas um dia ela farejou o cheiro de algo fabuloso.

— HUUUUUUM! — Princesa Amorzinho lambeu os lábios e caminhou em direção ao cheiro, esperando encontrar uma grande loja chique ou talvez um restaurante refinado. Mas em vez disso encontrou...



Bom. Certamente não era chique, mas pra Princesa Amorzinho era como um paraíso. Ela disparou beco abaixo ao lado da loja; sua barriga roncava. Escalou o muro de tijolinhos, desceu do outro lado e viu...

Raposas. Muitas raposas.



Elas rasgavam as sacolas de lixo do **Franguinho Ligeiro** que tinham sido empilhadas ao longo do dia, roubando toda a comida gordurosa e pegajosa que havia dentro. Princesa Amorzinho conseguiu enxergar três lixeiras enormes, cada uma do tamanho de um carro pequeno. Gatos, ratos, pombos e camundongos também saltavam



ao redor, mastigando pedaços de cartilagem e de pão meio comido. Amorzinho andou discretamente e se lançou sobre os restos de um frango frito. Ah, estava delicioso! Ela nunca tinha provado algo assim, e roeu os ossos em segundos, deixando-os sem nada.

— Hum, posso? — perguntou outro gato, apontando para os ossos que sobravam.

— O quê? — disse Princesa Amorzinho com rispidez.

— Você não quer os ossos? — perguntou o gato, gentilmente.



— Não — respondeu Princesa Amorzinho, que estava acostumada a comer pedaços macios e delicados de carne.

— Ótimo! — E o outro gato passou a chupar e mastigar os ossos de frango.

Depois de um tempo, ele disse animado:

— Você deve ser nova por aqui. Eu sou o Bingo! É um prazer te conhecer. Vou te dar um conselho: não desperdice comida. Aqui tem o suficiente pra alimentar todos nós, mas é pouco. Existe um sistema, sabe?

E ele voltou a mastigar os ossos.

Princesa Amorzinho fechou a cara.

— O que você quer dizer com... “sistema”? — ela quis saber.

— Bem... — Bingo lambeu os beiços. — É simples, na verdade. Existem três lixeiras.

As raposas comem na azul,
os gatos, na verde, e os
ratos, pombos, camundongos e outros animais na vermelha.



Princesa Amorzinho torceu o focinho.

— Quer dizer... quer dizer que vocês dividem? — Ela mal conseguiu pronunciar a palavra.

— Aham! — confirmou Bingo.

Princesa Amorzinho sentiu seus pelos se arrepiando. **DIVIDIR?** Ela nunca teve que dividir nada na vida. Ela rosnou e torceu o focinho. Tudo parecia **MUITO ERRADO**. Algo teria que ser feito.

Ao longo das semanas seguintes, a Princesa Amorzinho devorou o máximo de comida que conseguiu do **Franguinho Ligeiro**. Noite após noite, ela se sentava ao



lado da lixeira verde, esperando as sacolas com restos chegarem. **E ROSNAVA** pra qualquer um que ousasse chegar muito perto. Ela se tornou engordurada e encardida. Em pouco tempo, todo mundo da Cidade Grande sabia quem ela era.

— Por que vocês são tão molengas? — perguntou ela aos outros gatos, certa noite. — Vocês deixam aquelas **RAPOSAS** imundas pegarem os melhores pedaços.

Alguns dos gatos murmuraram concordando, embora muitos continuassem apenas se lambendo.

— Nós, gatos, precisamos nos defender! — gritou Princesa Amorzinho, que agora reunia uma pequena multidão. — Por muito tempo tivemos que nos sentar e observar as raposas comerem até o último pedaço de comida por aqui...

Bingo parou de se lamber e ergueu a pata pra lembrar a todos sobre o sistema de divisão de lixeiras, mas ninguém parecia interessado em escutá-lo.

— É hora de retomar o controle das nossas lixeiras! — gritou Princesa Amorzinho, erguendo uma pata fechada no ar.

A maioria dos gatos revirou os olhos e se afastou. Mas alguns vibraram.

— Recuperar as nossas lixeiras! — eles gritaram. — Expulsar as raposas!



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JUNHO DE 2023